16. Eterna expiração

“Então o Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2, 7).
A alma em nós é como a semente do amor de Deus que por toda a vida cresce com um ritmo de acolhida e doação, como a inspiração e a expiração dos pulmões, ou, para o coração, a diástole em que o coração relaxa e se enche de sangue, e a sístole em que se contrai, impelindo o sangue para as artérias, as veias, os capilares, para que o corpo viva, se mova, se exprima.

O centurião foi testemunha do extremo dom do sopro que animava Jesus em sua vida humana e terrena, que não é somente um sopro animal, assim como a nossa alma não é somente animal, mas um espírito feito para a eternidade. Em Jesus, a coincidência deste sopro do seu corpo, do exalar da sua alma, com o sopro do Espírito Santo é mistério do seu mistério, faz parte da sua identidade de Deus feito homem, de Homem-Deus. A Igreja, os Padres, os místicos, leram o expirar de Jesus na cruz como um primeiro sopro do Espírito Santo, aquele da primeira aparição do Ressuscitado na noite de Páscoa no Cenáculo.

Quando Jesus aparece aos discípulos no Cenáculo, com as portas fechadas, é como se, ressuscitando, não tivesse simplesmente recomeçado a respirar, como acontece quando uma reanimação tem êxito, mas como se o seu Corpo glorioso exprimisse já o eterno sopro do Espírito Santo que na Trindade e sobre nós, sobre a Igreja, é um eterno expirar, uma eterna expiração de amor, de graça, de consolação, de sabedoria, de luz. O Espírito Santo é um eterno soprar, que não tem necessidade de inspirar, porque é dom sem origem e sem fim do amor do Pai ao Filho e do Filho ao Pai. Este soprar, este exalar, este expirar sem jamais inspirar, sem, isto é, retomar-se, sem necessidade de recuperar-se, de se recuperar de novo, este dar-se sem retomar, este doar-se sem esperar nada em troca, é a absoluta gratuidade do amor de Deus, do amor que Deus é.
Como o diz Jesus a Nicodemos: “O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3, 8).

Ao contemplar isto, permanecemos literalmente sem fôlego. É como quando ouvimos um cantor sustentar uma nota por um tempo que nos parece infinito. Faz-nos faltar o fôlego, porque para nós é inconcebível soprar sem recuperar o fôlego.

O Corpo glorioso de Cristo não cessou mais de emitir sobre a Igreja, sobre os apóstolos, sobre os discípulos, sobre cada um de nós e sobre toda a humanidade, aquele Sopro da noite de Páscoa. Também Pentecostes não foi um acontecimento pontual, circunscrito, mas o início – para nós, mas não para Deus – de um dom do Espírito que, por Sua natureza, não pode terminar, não pode recuperar-se, como o dom do Filho e do Pai, ou melhor: no único e eterno Dom que a Trindade é em Si mesma e para todos.

É o que Jesus tentou explicar à Samaritana, que não podia compreender porque ninguém pode *compreender* este mistério, mas pode *crer nele,* pode acolhê-lo, pode deixar-se compenetrar por ele: "'Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!' Ela lhe disse: 'Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?' Jesus lhe respondeu: 'Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna'" (Jo 4, 10-14).

Sempre a ideia de uma fonte que não pode senão doar, que não tem necessidade de alimentar-se de outra coisa senão de si mesma, do seu próprio jorrar; a ideia de um sopro que não tem necessidade de encher-se senão do seu próprio soprar.

A última expiração de Cristo na cruz é, então, o sinal físico do sumo mistério do dom da sua vida, do seu amor até o fim e sem retorno. O centurião viu isto, percebeu isto: que o último sopro de Jesus não era tanto ou somente o exaurimento do seu espírito vital, mas o início de um dom sem fim que depois o Ressuscitado imediatamente reproporá, fará experimentar aos seus discípulos no Cenáculo, sem fim, sem retorno, sem exaurimento.

Poucas horas depois de ter visto isto, quando José de Arimateia vai a Pilatos pedir o corpo de Jesus, o mesmo centurião sente-se chamado a ir imediatamente a Pilatos, o procurador romano. Talvez, nesse meio-tempo, tivesse voltado para o seu quartel com os seus homens, silenciosos como jamais voltavam daquelas missões; tristes, como jamais tinham estado; sentindo um vazio por dentro. E, contudo, um vazio estranho: um vazio sem raiva, sem desgosto, sem vulgaridade. Uma tristeza que não os impelia, como de costume, para o álcool, os jogos, as mulheres, ou um sono como o de um animal, inconsciente de tudo...

O centurião talvez tenha se sentado à mesa, sem apetite; depois, sem ter tocado na comida, tenha se deitado no seu leito, sem poder dormir, olhando para o teto sem vê-lo, com o cérebro e o coração dominados pelas imagens da crucifixão, *daquela* crucifixão, daquele Homem, daquele Rosto, daquela paixão sem lamento, sem gritos e blasfêmias. O que deveria fazer agora ele com aquela experiência, com aquele encontro, com aquela luz sobre o divino poder daquele homem que, porém, agora estava morto? O centurião havia gritado: "De fato, este era filho de Deus!" (Mt 27, 54), mas o Homem já estava morto! Que vida deveria continuar depois deste fato? Tinha visto a Mãe do condenado, as outras mulheres em torno da cruz, um discípulo jovem cheio de dor; tinha-os olhado enquanto deixavam aquele lugar de maldição, continuando a voltar-se para olhar o morto crucificado. Eles, pelo menos, estavam com alguém, queriam-se bem, haveriam de consolar-se entre si. Mas ele? Estava desolado; não tinha ninguém, não conhecia ninguém com quem compartilhar aquela coisa estranha, aquela impressão indefinível que por um instante lhe parecera como um raio de luz transfixante.